

O CARNAVAL DE CASTRO ALVES E MACHADO DE ASSIS

O carnaval de 1868 no Rio de Janeiro talvez já não tenha sido marcado pela brincadeira do entrudo, pelo menos na sua forma original, algo rude. De algum tempo até aqueles dias o entrudo “civilizara-se”, tornara-se menos agressivo. Mas com certeza, pelas ruas da cidade, ou mesmo no interior das casas de famílias, as pessoas ainda esguichavam umas nas outras líquidos de procedência nem sempre honesta, que a brincadeira não distinguia pobres de ricos, e era democrática como o próprio carnaval. Por outro lado, desse carnaval de 1868 terá participado, senão o próprio, ao menos algum imitador do Zé Pereira, em moda na Corte desde os idos de 1846, quando fizera sua primeira aparição. Também terá havido muitos bailes, de máscaras alguns, nos teatros, nos clubes. Os bailes haviam-se tornado *chic* a partir de 1840, muito embora devessem esperar a década seguinte para serem transformados em coqueluche entre os vassalos de Momo. Com toda certeza, porém, não terá havido o corso. A extensa linha de carros conversíveis enfileirados em marcha lenta ao longo da Avenida Central (que também ainda não havia sido rasgada, e só o seria no início do século seguinte), famílias inteiras neles acomodadas, moças e rapazes indistintamente alegres, além das crianças que, mesmo sob as pesadas roupas de então, revelavam nos rostinhos o gosto de todos os tempos pela peraltice, seria coisa do século vindouro, da cidade nova. Muito menos naquele domingo gordo do carnaval de 1868 as escolas de samba teriam encantado os turistas que houvessem desembarcado no Rio de Janeiro para assistirem ao “maior espetáculo da terra”. As escolas de samba seriam inventadas quase setenta anos depois. E nem mesmo os ranchos, de cujas costelas nasceriam essas grandes aglomerações, ao preço da própria morte, poderiam percorrer as ruas da cidade, dolentes, langorosos como no-los descrevem os velhos cronistas, porque também eles não existiam ainda. Nem por isso terá sido menos festivo e barulhento o carnaval de 1868.

Naquela tarde de domingo gordo, indiferente à balbúrdia das ruas, um jovem escritor fluminense, ainda não chegado aos trinta anos, caminhava em direção a um hotelzinho da rua do Ouvidor, onde deveria estar a esperá-lo outro escritor, um poeta, chegado da Bahia há pouco. Fora-lhe recomendado em carta, recebida alguns dias antes e publicada no jornal *Correio Mercantil*, por nada menos que o Conselheiro José de A-

lencar, o autor de tantos e já tão estimados romances, o último dos quais aquele mimoso poema em prosa chamado *Iracema*, publicado três anos antes.

O jovem escritor fluminense não publicou ainda nenhum romance. Nem do tipo dos que respondem pela glória literária do Sr. José de Alencar, nem do tipo de algum daqueles amáveis quadros de vida urbana que fazem tão popular o Dr. Macedo de *A moreninha*. Apenas alguns contos no *Jornal das Famílias*, um livro de poesia e algumas peças de teatro. Mas é um nome respeitado entre seus pares. Ingressara no funcionalismo público no ano anterior, era jornalista e ostentava o grau de Cavaleiro da Ordem da Rosa, por distinção do Imperador D. Pedro II. É ele quem entra agora no hotel “Aux Frères Provenceaux” e se dirige à portaria, onde lhe informam que o hóspede procurado saíra: provavelmente fora apreciar o carnaval da Corte. Não dissera a que horas voltaria, mas se estava avisado da visita, com toda a certeza não se demoraria. O jovem hóspede deixara em todos do hotel a impressão de tratar-se de um moço fino, ativo, um tanto nervoso, talvez pela extrema juventude, mas um cavalheiro, sem dúvida. Aliás, não fosse o visitante sentir-se agastado, mas não era ele o senhor Machado de Assis, o poeta das *Crisálidas*?

Sim, sim, era o autor das *Crisálidas*. E se deixasse de lado a discrição orgulhosa, poderia acrescentar: também de *Queda que as mulheres têm para os tolos*, de *Os deuses de casaca* e algumas outras peças para o teatro. Talvez suas peças fossem mais adequadas à leitura descansada, no recolhimento de um gabinete atapetado, que à encenação frente a um público ainda mal formado, como lhe dissera com franqueza o amigo Quintino Bocaiúva, mas sempre eram títulos importantes. Além do mais, dentro de algum tempo, três, quatro anos no máximo, estimava, estaria a praticar o romance, isso mesmo, o romance. Mas de um modo muito diferente do que até então se fizera no Brasil. Um tipo de romance capaz de, sem renegar certo instinto de nacionalidade, ir muito além dos assuntos estritamente nacionais. Contudo, não valeria a pena dizer tudo isso ao homem do hotel: ele nada entenderia de projetos literários. A indagação, porém, lhe agradara: era prova inequívoca de reconhecimento público, e já lhe pagava a maçada de ter que esperar, não sabia por quanto tempo, a volta do moço baiano.

Alguns passos, um rumor feminino de vozes, eis que a atenção de Machado de Assis é despertada para uma menina que, na companhia de uma mulher de meia idade, decerto sua mãe, vai também para a rua, ver o carnaval. A furto, vê-lhe o rosto. Comum, nem muito bonita e menos ainda feia, beirando aí seus 15 anos, cabelos grossos, feitos em duas tranças que lhe descem costas abaixo. Contudo, além dos braços, precocemente

magníficos, que ela traz descobertos, os olhos são estranhos, ligeiramente desviados, como de cigana, de uma cigana oblíqua e dissimulada. Por um brevíssimo instante — corrige-se mentalmente, “riscando” o superlativo; desagradam-lhe exageros e nada justifica superlativos —, os olhos da menina e os seus se cruzam. Ela não os desvia, embora pareçam olhar para além dele, como se quisessem buscar mais longe, bem distante daquela rua do Ouvidor, lá para os lados do Flamengo, talvez, algum banhista que as ondas da manhã pudessem ter arrebatado. Olhos de ressaca, pensa, à lembrança da praia, e esta imagem, sim, agrada-lhe, compensa o deslize do superlativo. Acompanha disfarçadamente o vulto das duas, da menina e da mãe, certo de que, da soleira da porta, provavelmente só por curiosidade infantil, ela voltará a cabeça e deixará com ele a generosa despedida de um olhar. Passada a soleira da porta, ela não o faz, segue em frente, e ele pensa que aquela menina há de ser caprichosa, será bem capaz de dar de vontade o que antes houver negado à força...

Enfim, parece que agora é o jovem baiano quem chega de volta. A uma palavra dita em voz baixa pelo homem da portaria, ele se volta e percebe, sentado a um canto, recolhido a uma quase penumbra, como que fugindo deliberadamente à luz que vem da rua e risca o salão de entrada, o Sr. Machado de Assis. Sem esconder de todo o alvoroço que lhe é natural, procurando, porém, manter-se reservado como parece impor a simples presença do outro, dirige-se a ele e lhe pede perdão pelo atraso, “encarecidamente”. Fá-lo com um gesto largo, que dispensaria as próprias palavras, não fossem as regras de cortesia. Em seguida, e antes mesmo que o outro lhe “conceda” o perdão pedido, toma-lhe do braço e propõe que subam até seu quarto, no segundo andar. Ali lhe mostrará alguns poemas e, se puder contar com a benevolência do ilustre “mestre das letras nacionais”, lerá para ele um drama que pretende ver encenado na Corte. Chama-se *Gonzaga ou a Revolução de Minas* e versa sobre o poeta, um dos heróis do movimento libertário, explica, justamente o mais gentil, o mais brasileiro de todos — brasileiro sim, que importava o fato de ter nascido em Portugal, não é mesmo?

Tudo é dito com profusão de gestos, dir-se-ia mesmo espalhafato. O braço esquerdo, desobrigado do ofício de guiar o visitante, corta agressivo o ar. E em palavras candentes, como quem sente em si o borbulhar do gênio e não suporta o retardado passar dos tempos, tantas outras vezes repete o pedido de perdão. Realmente, distraíra-se com o carnaval das ruas, e qualquer manifestação do povo emocionava-o sobremaneira, fazendo-o esquecer de compromissos.

O jovem poeta baiano não é de todo um desconhecido na Corte. Além da poesia de altos vãos a que se entrega, e de que já muito se falava no país inteiro, no Recife, em São Paulo, para onde irá, após a breve estada no Rio de Janeiro, a fim de concluir seu curso de Direito, o próprio drama que promete ler para o visitante fora já encenado na Bahia, no ano anterior, com êxito estrondoso. E aqui mesmo, como registrara o Sr. José de Alencar na carta, já fora saudado na imprensa por um poeta. Contudo, ainda nas palavras do autor de *Iracema*, era necessário abrir-lhe o teatro, o jornalismo, a sociedade. E nenhum outro nome parecera tão habilitado quanto o dele, Machado de Assis, frente a quem estava agora o jovem poeta.

É possível, então, vê-lo de perto. Um belo jovem, sem dúvida. Magro, não muito alto, é verdade, olhos vivos, incenciados, em luta com as sobrancelhas espessas que parecem querer escapar da moldura do rosto, um bigode atrevido e cultivado, os cabelos quase lisos repuxados para trás, em ondas suaves. Uma estampa inesquecível, uma presença capaz de influenciar qualquer platéia que lhe ouça os versos arrebatadores, quer se trate de um hino cívico, quer esteja a cantar as delícias da intimidade amorosa.

Com algum desgosto, traça Machado de Assis uma comparação consigo mesmo. Também seus cabelos são anelados, bem mais crespos que os do outro, mas não serão jamais revoltos. Seu bigode é ainda mais atrevido, no tamanho, pelo menos, e lhe serve para disfarçar o lábio superior grosso. Seus olhos, já prejudicados pela miopia, surgem (ou se escondem) por trás do *pince nez*, o seu tanto tímidos. Também, a seu modo, uma estampa inesquecível. Está longe, reconhece, do fascínio imediato que desperta o jovem poeta baiano. Contudo, há uma compensação e um favorecimento: o fato mesmo de ser ele, no dizer respeitável do próprio Sr. José de Alencar, o “primeiro crítico brasileiro”, aquele a quem agora recorriam tanto o consagrado romancista, dez anos mais velho, indiscutível chefe das letras brasileiras, quanto o novo possível astro, essa confortadora certeza de superioridade, tudo lhe dá a segurança necessária a ser, como Alencar lhe pedira em carta, o “Virgílio do novo Dante”. Sua estampa é menos visível, menos clamorosa, mas é sempre uma estampa.

Primeiro o drama. Castro Alves, esse é o nome do jovem poeta baiano, é leitor apaixonado. Sabe valorizar, com inflexões de voz comoventes, determinadas passagens do texto, em especial as falas de Maria Dorotéia, papel reservado a Eugênia Câmara, a atriz portuguesa por quem está apaixonado e com quem vive tórrida relação amorosa, como é de conhecimento público. A Machado de Assis parece um tanto sem propósito, pelo menos exagerado, o culto a Tomás Antonio Gonzaga. Duvida da retidão inabalável

de caráter atribuída ao Dirceu das *Liras*. Duvida também da relativa harmonia entre os revolucionários mostrada no drama, especialmente da cordialidade entre o próprio Gonzaga e o Tiradentes, tão diferentes entre si tinham sido um e outro. Pensa que a escolha de Gonzaga para protagonista do drama deveu-se mais aos seus legendários amores que à sua efetiva condição de chefe da conspiração, sabendo-se que a prudência (excessiva, talvez) demonstrada nos interrogatórios afastou de si a desgraça da pena capital, o que esbate, sem revogá-la de todo, sua condição de mártir. Para um drama histórico, isso não deixava de constituir erro de perspectiva, pois o Tiradentes, no seu desassombro insano, esse sim, fora o verdadeiro agitador, daí ter ficado o seu nome tão fortemente ligado ao da tentativa de rebelião nas Minas Gerais. A escolha do protagonista era, porém, defensável, e o inegável talento de Castro Alves capaz de fazer esquecer tais senões.

Por vezes Castro Alves é obrigado a interromper a leitura, tamanha é sua comoção, pelo que se desculpa demoradamente. Refeito, depois de aqui e ali enxugar disfarçadas lágrimas, abalado ante a má sorte do poeta inconfidente e de seus comparsas de sonho libertário, encontra forças na própria criação literária e logra chegar ao fim da leitura, extenuado, mas feliz. Há no drama, constata Machado de Assis, tal como José de Alencar dissera na carta, exuberância de poesia, defeito muito mais da idade que do próprio poeta baiano, se é verdadeiro que aos vinte anos todos têm essa prodigalidade soberba de imaginação. Lembra-se dos seus idos vinte anos e do que dissera de si mesmo: “vinte anos e um bigode em flor...”, ainda que a associação pareça sem sentido naquele momento. Dirá, na carta resposta, está decidido, que em Castro Alves o poeta explica o dramaturgo, que o tablado é pequeno para o seu vôo, necessitado da amplidão do céu livre e azul. Será uma maneira civilizada de registrar as restrições que o drama comporta. Parece-lhe que aquele moço vindo da Bahia está fadado, sim, a um primeiríssimo lugar nas letras pátrias, mas não como dramaturgo, e sim como poeta, da escola hugoana, sobretudo pela pompa das figuras, pela sonoridade do vocábulo, por trás de que é possível surpreender a espontaneidade e o ímpeto de um verdadeiro artista, de um poeta original.

Essa impressão se confirma e é reforçada amplamente quando Castro Alves passa à leitura de alguns de seus poemas. Machado de Assis logo percebe tratar-se não de um desses românticos desmaiados, obsessivamente centrados nas agruras do próprio eu e incapazes de interessar-se pela sorte dos outros homens. Não, o jovem poeta vindo da Bahia sabe, com igual destreza, tanger a lira e cultivar a eloquência épica. No primeiro

caso, nos seus versos há vigor e sensibilidade. A natureza, por exemplo, é animada, não é apenas o cenário inerte por onde o poeta egocêntrico desfila sua melancolia incurável; ou então, a celebração do amor é algo mais que apenas o hesitante olhar de um apaixonado em direção da musa inacessível, é mescla bem realizada de delicadeza de imagens, como a do laço de fitas de um dos poemas, e sensualidade excitadora, como a da frouxa luz de uma alabastrina lâmpada a lambar, com volúpia, os contornos do corpo da mulher amada, de outro poema lido. E a poesia de preocupação social, se por vezes transborda da contenção imagística, mantém sempre a temperatura do brado comovido e indignado — que força na visualização das cenas a bordo de um navio negreiro! Grande poeta, sem dúvida, merecedor dos encômios do Sr. José de Alencar e da fama que descera com ele do norte, desde a boêmia do Recife até a sua Bahia natal, e que já chegara a São Paulo, unido o país no coro elogioso. Não havia que hesitar. Se fora escolhido para guiar o novo Dante pelos círculos literários da Corte, cumpria-lhe desempenhar o papel com brilho e empenho, abreviando a chegada do jovem poeta ao paraíso. Fazia votos de que não viesse a morrer muito moço, como outros que o haviam precedido, o tímido e noturno Álvares de Azevedo, por exemplo, bela vocação ceifada na idade dos bigodes em flor... Dizia-se que a saúde do moço baiano não era boa, que ele não se cuidava, que aquela ligação escandalosa com Eugênia Câmara haveria de fazer-lhe muito mal, quando tudo terminasse entre eles. Dizia-se que um dia, mais cedo ou mais tarde, a atriz portuguesa, dez anos mais velha que seu precoce amante, o abandonaria por outro.

Entardecia quando Castro Alves deu por finda a leitura dos poemas. Inquieto, atravessara diversas vezes o quarto de um lado a outro, as folhas de papel numa das mãos, como se o poeta as brandisse para um público maior do que a presença solitária de Machado de Assis, enquanto a outra se refugiava ora no bolso, ora nas costas, quando não se cerrava ameaçadora. Jamais inerte. Era também ele um portentoso ator, pensava Machado de Assis. Os olhos, já ao natural incisivos, alargavam-se em algumas passagens, como se desejassem devassar o que houvesse muito além das paredes, além do quarto, do próprio edifício do hotel. Sua voz, melódica quando necessária à suavidade do canto lírico, metálica quando indispensável à vergasta das mazelas sociais do século, quebrava o silêncio do quarto, isolado pelas cortinas cerradas do alarido das ruas naquele domingo gordo do carnaval de 1868. Um poeta público, pensou Machado de Assis. Imaginando-o na sacada do jornal *Diário do Rio de Janeiro*, ali mesmo naquela buliçosa rua do Ouvidor, certamente ainda mais agitada num dia de semana, pálido e

belo, a declamar para a multidão um poema que houvesse acabado de compor, por ventura em celebração da vitória das forças brasileiras em Humaitá, como o país inteiro esperava viesse a acontecer, caso se confirmassem os telegramas otimistas recebidos até então, vibrante e estentóreo, patriótico.

Castro Alves, por seu lado, também está atento à figura miúda do compenetrado escritor fluminense. O senhor Machado de Assis — impossível não tratá-lo com respeitosa distância, a despeito de também ser ainda jovem, pois não terá mais que vinte e cinco, trinta anos, pensa consigo mesmo — é um homem muito diferente do Conselheiro José de Alencar. Na casa da Tijuca fora fácil sentir-se à vontade. Tanto o escritor quanto sua esposa, Ana Cochrane, e era de notar-se que se tratava de uma descendente do lord inglês que ajudara a consolidar a nossa Independência, haviam sido calorosos. Pareciam pais extremados, e não apenas anfitriões de alguém que lhes fora recomendado por um terceiro e a quem nunca haviam visto antes. No decorrer da leitura pudera notar o embevecimento da senhora Alencar. Mais importante que tudo, o entusiasmo que este demonstrara era indiscutivelmente sincero. Haviam-no prevenido contra o possível azedume do romancista, um homem que nunca se achava satisfeito com o reconhecimento de seus méritos, já enfiado na política, atualmente em baixa, quase no ostracismo, mas que a qualquer momento, mudando-se a sorte do poder, talvez se tornasse ministro, quem sabe dentro em breve — mas qual o quê! O criador de Peri e Ceci, um homem de aspecto severo, contrastante com a bonomia demonstrada, barba espessa e unida ao bigode farto, ainda sem um fio branco, óculos muito bem compostos, ao contrário do *pince nez* desabado do senhor Machado de Assis, não se contentara em dizer com palavras elogiosas sua aprovação: fora bem mais longe, abraçara-o e com ele discutira longamente questões de arte. Confidenciara-lhe também ter escrito um drama patriótico, ainda não encenado por temer a incompreensão do público — “o público fluminense ainda não sabe ser público”, dissera com amargura — e da crítica. Chamava-se *O jesuíta* e se passava em 1759, em época bem anterior à Revolução de Minas de que tratava o *Gonzaga*. Mas o impulso de exaltar a pátria brasileira era o mesmo. Fazia votos ardentes de que o jovem colega, seu irmão no amor à terra natal, lograsse todo o êxito possível com seu drama, que menos do que isso não lhe seria devido. Talvez assim ele também se aventurasse a finalmente encenar o seu *O Jesuíta*. E a casa de José de Alencar, na montanha da Tijuca, ali posta pela natureza como que de propósito, a apenas duas léguas da Corte, tal qual fora um ninho no qual se refugiavam as almas cansadas de pousar no chão, a casa diferia tanto deste quarto apertado de hotel, uma aberta

para a imensidão, outro enclausurado na disciplina do conforto urbano, quanto entre si diferiam seus dois anfitriões na Corte.

Sentia-se alma gêmea do hospedeiro da Tijuca, temperamentos visceralmente românticos ambos. Lamentava não ter tido coragem de levar consigo Eugênia. O casal Alencar tê-la-ia recebido com simpatia e compreensão, pensava. Fora-lhe difícil explicar a Eugênia a conveniência de não afrontar possíveis pruridos do seu padrinho literário na Corte. Por fim, ela se conformara com ficar no hotel, à espera de que ele voltasse da Tijuca inebriado com a recepção do grande romancista O senhor Machado de Assis, ao inverso, parecia-lhe uma vocação analítica, capaz de penetrar o segredo das coisas e trazer à luz seus aspectos definidores, qualquer que fosse a consequência da revelação. Durante a leitura, fora impenetrável a face do ouvinte, nenhuma reação desarmada, nada que denunciasse de todo seu contentamento ou seu desagrado. Aqui e ali, verdade fosse dita, um leve alargamento da atenção, mas sem ênfase, como se lhe desagradasse a controvérsia, como se a ela tivesse tédio. “Será capaz de dizer que gostou do meu drama apenas por polidez”, pensou. Mas logo se corrigiu. Aquele homem de poucas falas, talvez para evitar o desagradável efeito da gagueira que não conseguia esconder, se não era o vulcão de exuberância do outro, se não se levantara ao final de leitura e o estreitara nos braços, tinha a força silenciosa dos que medem as palavras, dos que sabem tirar delas todo o proveito necessário, dos que são incapazes da mentira. Teve a noção exata do peso que a opinião dele teria para sua aceitação nos meios literários da Corte, e compreendeu enfim a razão de o próprio Sr. José de Alencar ter delegado a outro a tarefa de apresentá-lo.

Às primeiras palavras ditas pelo Sr. Machado de Assis, finda a leitura, o moço Castro Alves teve a súbita percepção da relevância histórica do momento. Ele era o poeta recém-chegado à Corte, ávido de consagração nacional, credenciado por um drama patriótico que vinha bem a calhar com o momento atual, o de uma nação sacudida pelos lances grandiosos da heróica campanha da Guerra do Paraguai, que se delongava já por três sofridos anos e, a serem verdadeiros os telegramas, próxima do desenlace feliz. O notável José de Alencar, seu anfitrião da Tijuca, primeiro nome incontestado das letras brasileiras, capaz tanto de aventurar-se pelo passado nacional em busca das origens da nacionalidade quanto de poetizar a existência dos índios, ou ainda flagrar a complexidade crescente da vida urbana, era o verdadeiro fundador do romance brasileiro, a despeito de não ter sido o primeiro a praticá-lo. E, por fim, o “seu” Virgílio nos círculos da Corte, o Sr. Machado de Assis, era presença reputadíssima nas letras nacionais, decerto o

criador, ainda quase em surdina, de uma obra que ele, Castro Alves, não conseguia intuir que feição exata viria a ter, mas que certamente deixaria para a posteridade, quando se lançasse ao romance, para o qual era decerto muitíssimo bem dotado, um quadro expressivo da realidade social brasileira, ou, quem sabe, abissais sondagens dos mistérios da alma humana, para as quais também estava com certeza capacitado — aqueles olhos que simulavam nada ver não o enganavam: ali estava um finíssimo observador da alma alheia, um dissecador implacável dos homens e suas paixões....

Escusando-se por não poder fazer-lhe companhia por mais tempo, dado o adiantado da hora, Machado de Assis assegurou ao moço baiano ter tido de seus poemas, bem assim como do *Gonzaga*, as melhores impressões. Reconhecia nele uma verdadeira vocação literária, plena de vida, robusta, que em nada perdia por revelar as marcas do mestre que elegera como modelo, capaz de afirmar-se original a despeito dessa honrosa filiação. Estivesse certo que faria tudo que estivesse ao seu alcance para amplificar a repercussão, que de certo modo já existia, do talento do jovem poeta. Propunha-lhe, inicialmente, um novo encontro, desta vez na redação do jornal *Diário do Rio de Janeiro*, daí a alguns dias, quando poderia bisar a leitura do drama e dos poemas para um público um pouco maior e, traço de modéstia que a Castro Alves pareceu inaceitável, e o disse com a facúndia que reconhecia em si mesmo, mais capacitado. Estava honradíssimo com a lembrança de seu nome para condutor do novo poeta — e outra vez riscou em pensamento o superlativo: poderia vir a ser aproveitado numa personagem de romance marcada pelo desejo de bajulação, não nele próprio, Machado de Assis —, mas julgava indispensável uma certa cabala em favor do nome de Castro Alves. Afinal, tinha razão o Sr. José de Alencar quando afirmava que entre nós pouco apreço tem o verdadeiro mérito quando se apresenta modestamente. Nada, porém, que desabonasse a ele, Machado, e menos ainda ao novel poeta, transbordante de talento e precisado apenas de que seus versos chegassem ao povo, que saberia consagrá-los. Além disso, publicaria em jornal sua carta-resposta ao estimado e insigne Sr. José de Alencar, e não o julgasse mal o jovem poeta se repetisse por escrito as poucas ressalvas que lhe fazia agora de viva voz.

Ante a anuência do jovem poeta baiano, e julgando acordada a estratégia para evitar que ele passasse pela Corte ignorado e despercebido, como acertadamente escrevera em carta José de Alencar, preparava-se Machado de Assis para as despedidas finais quando Castro Alves, após repetir-lhe sua perfeita concordância com tudo que fora dito até ali, tomou-lhe do braço outra vez e o conduziu até uma extensão reservada do quarto. Em voz baixa, singularidade de comportamento que não passou despercebida a Ma-

chado de Assis, pois contrastava com tudo que fizera até aquele momento, disse-lhe que queria apresentar-lhe uma pessoa de sua grande estima, alguém que lhe fazia companhia naquela sua estada na Corte.

Sim, a pessoa da grande estima do poeta baiano era ela, a atriz Eugênia Câmara, de quem Machado de Assis naturalmente já ouvira falar e a quem já vira representar nos palcos da Corte, anos atrás. Impressionou-o a discrição da mulher, capaz de esperar, pacientemente, por tantas horas, recolhida e, talvez, esquecida, dado certo narcisismo que notara no poeta, até que se concluísse a leitura do drama e dos caudalosos poemas de Castro Alves. À aparição dos dois homens, levantou-se da poltrona onde se mantinha sentada, um livro nas mãos, e abriu o rosto em largo sorriso, acolhedor. Com gesto coquete, expôs a face do livro. Eram as *Crisálidas*. E antes mesmo que fossem trocadas as primeiras palavras de cortesia, a atriz declamou os últimos versos de um dos poemas do livro: “e quando /Houver em ti um eco de saudade, /Beija estes versos que escrevi chorando”. Elogiou calorosamente a pungência das palavras com que o Sr. Machado de Assis soubera fixar a emoção de uma despedida entre amantes. Parecia sincera, mas era uma atriz, afinal de contas, e Machado de Assis não deixou de pensar que também aquele entusiasmo ali demonstrado pudesse fazer parte de uma encenação, mais um papel que ela estivesse a representar. Faceira todos sabiam que era. As más línguas julgavam-na mesmo demasiadamente sedutora. Corria solta a versão de que não era fiel a Castro Alves, razão das brigas constantes do casal. O cálculo da menção aos versos que falavam de adeus, de abandono por parte da mulher amada, a escolha mesmo da leitura, quem sabe não seriam sutil lembrete de que para ela e o moço baiano também chegaria o dia em que tudo não passasse de um “eco de saudade”?

A ligação de Castro Alves com Eugênia Câmara era pública, ruidosa, nas cidades onde até então haviam vivido. O fato de atravessarem o país juntos, desde o Recife até a Corte, ela levando consigo a filha pequena, e de se hospedarem no mesmo hotel, sem disfarces, não deixava de constituir pequeno escândalo. Havia ainda entre eles uma não desprezível diferença de idade. Ela era ainda, aos vinte e nove anos, uma bela mulher, sem dúvida. De altura mediana, cheia de corpo e ainda assim delgada, cabelos e olhos castanhos, bem escuros, possuía uma graça travessa, de menina que recusava transformar-se em mulher por inteiro. Além disso, o indisfarçado sotaque lusitano dava-lhe à fala um encanto peculiar, algo que não deveria soar tão exótico no Brasil, mas que deixava no ouvinte o gosto de ver-se invadir pela maneira diferente de pronunciar as vogais, fechando-as, quando a prosódia brasileira exigia que fossem abertas. Não era,

porém, uma fala inteiramente à portuguesa, mas irrupções episódicas de dicção lusitana, de que resultava justamente aumentar o efeito da surpresa. Era como se de repente outra pessoa que não ela entrasse a dizer esta ou aquela palavra no meio de uma frase.

Contra a vontade, Machado de Assis sentiu-se perturbado com aquilo. Pensou quão agradável poderia ser, ao acordar, pela manhã, ou em qualquer outro momento do dia, ter junto a si uma mulher a falar-lhe daquele jeito, com aquele sotaque ligeiramente pesado e pouco musical. Imaginou-se partilhando seus dias de maturidade e velhice com uma rapariga portuguesa. Mas que não fosse tão bonita quanto esta, para não sofrer os mesmos ciúmes de que padecia o poeta do *Gonzaga*, e, de preferência, não uma atriz, para não ver-se obrigado a duvidar sempre, por força do hábito de fingir que ela trouxesse do palco. Que fosse sim uma suave presença, companheira até a morte de um dos dois, ou de ambos. Ademais, jamais permitiria que sua vida amorosa fosse exposta à curiosidade e à maledicência, como acontecia com o jovem poeta baiano, de quem acabara de ser nomeado Virgílio, e a quem, seguramente por equívoco, ou maldade dos deuses, havia sido destinada uma Beatriz tão pouco confiável...

Não, de modo algum! Eugênia Câmara não aceitava o fato de o Sr. Machado de Assis ir-se daquele jeito, sem dar-lhe o prazer de umas poucas palavras além daquelas de apenas polidez urbana. Era injusto. Cecéu ocupara-o toda a tarde, por um motivo nobre, reconhecia — o *Gonzaga* era mesmo uma belíssima peça da dramaturgia brasileira, e tão logo encenada na Corte tornaria o nome dele definitivamente conhecido e consagrado; ela, aliás, estava ansiosíssima ante a idéia de representar Maria Dorotéia para o exigente público da Corte —, mas também tinha o direito de roubar-lhe uns “minutinhos” (parecia-lhe deliciosa essa maneira brasileira de empregar os diminutivos...). Ademais, precisava agradecer-lhe a gentileza de haver-se o Sr. Machado de Assis abalado, num domingo de carnaval — o Sr. Machado de Assis não apreciava os folguedos? ah, apreciava-os, sim, mas a uma cautelosa distância, ela bem o entendia... também não lhe ia muito ao gosto aquela patuscada, as tais cabacinhas de cheiro a emporcalhar as pessoas.. — repetia, num domingo de carnaval, até ali onde se haviam refugiado ela e Cecéu, quando o normal deveria ser o contrário. Como fizera Cecéu ao Sr. José de Alencar, aduziu, pequena seta de malícia na lembrança da diferença de tratamento. E antes mesmo que o visitante esboçasse qualquer resistência, estava ela ao seu lado, roçando o vestido no braço dele, sem maldade, provavelmente, mas sempre como uma ligeira perturbação, pela proximidade dos corpos, pela ressonância estranha daquela voz.

No entanto, era tarde, quase noite, não tivera ele a intenção de demorar-se tanto naquela visita, convinha ir-se embora. Mas por estar cansado, ou por estar escuro, ou para não sentir-se outra vez invadido pela voz de Eugênia? Não soubera dizer-lhe não, e até porque o moço baiano secundava, com os mesmos gestos largos e decididos com que lera os poemas e o *Gonzaga*, o convite de Eugênia Câmara. Ou seriam ela e ele perfeitos atores, e representavam-lhe uma peça de enlevo e sortilégio? Lá fora, é noite indiscutível nas ruas da cidade do Rio de Janeiro. O silêncio não é mais quebrado pelas vozes carnavalescas do domingo gordo. São muitas as recentes lembranças daquela tarde passada em companhia do jovem poeta baiano e de sua companheira, aquela Eugênia Câmara de quem tantas coisas eram ditas, mas não o principal. Não se lembrava Machado de Assis de ter lido em algum lugar, ou de alguém haver-lhe dito que se tratava de mulher tão irradiante. Acabava de prometer-se não perder, a preço algum, a representação do *Gonzaga* com ela no papel de Maria Dorotéia. Devia ser fascinante vê-la em cena, disfarçada de homem, naquela passagem culminante em que se apresenta ao grupo de conspiradores e tenta salvar Gonzaga da morte que parece iminente, já então descoberta, por traição de um deles, a conjuração de Vila Rica. Pouco importaria que Eugênia pronunciasse “sonhava” quando tivesse que dizer: “Outra era decerto a nova que eu sonhava...” Talvez algum gaiato a arremedasse, quebrando a intensidade dramática da cena, mas muitos olhos — entre eles os seus? — estariam empenhados em descobrir, por trás das vestes masculinas, o corpo cálido de Eugênia. Cálido, sim, a julgar pelas mãos, porque bem o sentira, quando ela enfim, depois de derramar sobre ele uma conversa errática, que ora destacava os seus próprios pendores poéticos — publicara já um livro de versos, sabia-o o Sr. Machado de Assis? —, ora se concentrava na campanha, desnecessária, aliás, em favor do reconhecimento de Cecéu como magnífico poeta, ora, por fim, mas não sem igual relevo, reiterava sua admiração pelos poemas das *Crisálidas*, declarou-se disposta a permitir — e apenas pelo adiantado da hora, fazia questão de esclarecer, pois de modo contrário prolongaria um pouco mais o colóquio — que o Sr. Machado de Assis enfim os deixasse, a ela e ao Cecéu. Ao despedir-se, a mão da atriz apertara a sua com uma força inesperada, com um empenho quase másculo, não fora um jeito muito especial de deixar os dedos entre os seus, como que em voluntária prisão, por um tempo mais demorado do que seria de esperar-se. Tão grande fora a impressão da despedida, que ao apertar a mão do jovem poeta baiano, pareceu-lhe estar ainda apertando a mão de Eugênia, a prolongar por meios sinuosos o contato com a carne dela. Não acontecia então de seus pensamentos estarem mais ocupados com a figura,

com os gestos, com o olhar quente e intimidativo da atriz, sem falar, é claro, daquela voz tisonada de um sotaque doravante indissociável do gozo que nos dá a melodia mais envolvente, do que do jovem e talentoso poeta baiano?

Mais tarde, ao deitar-se em seu leito de solteiro, naquela noite do domingo de carnaval de 1868, Machado de Assis renovou para si mesmo a promessa feita ao jovem poeta baiano. Honraria o compromisso implicitamente assumido com José de Alencar. A recomendação de Castro Alves a ele, na condição de “primeiro crítico brasileiro”, já por si como que antecipava essa certeza, e não lhe passava pela cabeça a idéia de abdicar do honroso papel de “Virgílio do novo Dante”. Deveria, porém, encontrar uma maneira de ciceronear o jovem poeta baiano no Rio de Janeiro sem expor-se de modo tão perigoso à presença perturbadora de Eugênia Câmara. De outro modo, como garantir que um segundo aperto de mão igual àquele se resolvesse como somente uma impressão ambígua, tênue lembrança a resistir ao passar implacável do tempo, anos mais tarde, um leve arrependimento por uma falha não cometida? De resto, o moço baiano, gentil e talentoso, não merecia decerto pensamentos assim tão obscuros, se bem lhe parecesse certíssimo — outro superlativo intrometido... — que ambos eles, a atriz das vogais fechadas e o seu “Cecéu”, tão extremados no gozar aquele amor tempestuoso, não parecessem fadados a envelhecerem juntos e amorosos pelo tempo necessário a que deles se pudesse dizer, como suma das sumas, que só lhes houvesse restado, a título de consolo, a saudade de si mesmos. Enfim, nada que um sono justo, gordo como aquele domingo de carnaval que se desfazia na proximidade da segunda-feira, não apagasse.

Apesar da consagração representada pelo duplo patrocínio de prestígio, Castro Alves não conseguiu ver seu *Gonzaga* encenado no Rio de Janeiro. Em meados de março daquele mesmo ano de 1868 já estava em São Paulo. Lá, sim, na terra de Álvares de Azevedo, foi à cena o drama, com Eugênia Câmara no papel de Maria Dorotéia. Êxito retumbante. Machado de Assis, que do Rio de Janeiro apenas tivera notícias da boa sorte do jovem baiano, não reviu a atriz, não lhe apertou outra vez a mão mudamente loquaz. E quando, enfim, dois anos depois, o jovem baiano, já combalido pelo infeliz acidente do tiro no pé, definitivamente separado de Eugênia Câmara, publicou seu esperadíssimo livro de versos, as *Espumas flutuantes*, enviou um exemplar a José de Alencar. Na dedicatória, eivada de melancolia, afirmava que o infortúnio, se bem lhe houvera

matado a seiva que lhe dava vigor ao estro, não lhe gelara no peito o sentimento de gratidão ao primeiro literato brasileiro.

Não consta que Machado de Assis tenha recebido seu exemplar. Com ou sem dedicatória.